

EROS ROBERTO GRAU e o Quartier Saint-Germain-des-Prés

Carlos Eduardo Dipp Schoembakla - Coordenador Adjunto do Curso de Direito; Professor de Direito Civil e Processo Civil das Faculdades Integradas do Brasil.

Denise Goedert – acadêmica do Curso de Direito das Faculdades Integradas do Brasil.

Uma simpatia em pessoa. Não gosta que o chamem de ministro, apenas professor. Foi com essa simplicidade que o Professor Eros Roberto Grau passou pela UniBrasil neste ano, não mais para falar de assuntos jurídicos de grande repercussão nacional, mas, sim, de “coisas da vida”, como literatura, cultura e Paris. Hoje Eros Grau se dedica à esposa, aos filhos e aos seus romances, que adora escrever.

E não poderia ser diferente. Paris encanta, apaixona, ilude e cega, assim como o amor, e é com amor, e muito bom humor, que Eros Grau descreve, em sua obra Paris-Quartier Saint-Germain-des-Près, os aspectos históricos dos principais lugares que conheceu, inclusive dos restaurantes, bares e cafés do quartier.

Sentindo-se aceito e reconhecido como um verdadeiro cidadão parisiense, Eros nos convida a conhecer uma Paris vista por seus olhos, não uma Paris perfeita, mas o lugar aonde os bons americanos vão quando morrem.

O livro Paris-Quartier Saint-Germain-des-Près, escrito pelo renomado jurista Eros Grau, faz o leitor viajar pela charmosa cidade de Paris, especialmente por Saint-Germain-des-Près, quartier que integra o VI arrondissement – Luxembourg.

Mesmo que com a insistência do autor o livro seja classificado como ensaio, poderia ser, também, um livro de crônicas - escrito no tempo da delicadeza. Muito diferente do vocabulário jurídico a que estamos acostumados a ler, Eros imprime sua marca de leveza e bom humor ao longo de seus relatos. Além disso, a obra é repleta de informações culturais do quartier. Como quem conhece verdadeiramente Saint-Germain-des-Près e seus arredores, talvez até mais que os próprios parisienses em geral, descreve generosamente os aspectos históricos dos principais lugares por onde flanou, inclusive dos restaurantes, bares e cafés de sua predileção.

Após anos de convivência, Eros e sua esposa Tânia ganharam a cidadania do quartier e, como um típico gemanopratin(onde os habitantes, sabem uns da vida dos outros), tanto conhece e é conhecido das personalidades francesas de renome (na literatura, na política e nas artes), como também é conhecido do pedinte (sempre visto no Café de Flore) que, da mesma forma, recebe tratamento respeitoso, recheado de interesse pela sua forma de existência. Percebe-se que o seu envolvimento com o lugar e com as pessoas está longe de ser superficial, como sucede à grande maioria dos turistas (meros predadores das grifes modernas, como faz referência), ao contrário, sua postura revela olhar atento e, de certo modo, intrigante, sempre em busca de conhecer o quartier em sua essencialidade.

Em cada um de seus capítulos, o autor faz referência às pessoas que teve oportunidade de conhecer. Algumas, coadjuvantes, apenas ilustram comicamente o cenário. Outras,

respeitadas e admiradas pelo seu ofício (como o caso de Mimi, tocador de acordeão que morrera e deixou saudades). Outras, ainda, pessoas amigas com quem tivera o prazer de desfrutar jantares e tardes de vinhos.

Nada passa inadvertido à sua observação. Considerável é a simpatia que mantém por temas ligados ao “humano”, ao qual dedicou um dos capítulos a contar parte da história da vida e o fim trágico de Adrienne Le Couvreur (morta em 1730). Movido por curiosidade ou mesmo pelo sentimento de ter recebido uma missão para desvendar o caso, Eros empenhou-se em um considerável trabalho de pesquisa. Precisava descobrir como ela havia morrido e onde fora enterrado seu corpo. Não se conformaria em deixar o assunto sem solução. Buscou descobrir o que aconteceu com Adrienne e, ao que tudo indica, descobriu, mas como disse: “o quanto li e descobri a respeito desta mulher é demasiado, excede a tolerância deste ensaio”. p.107).

Entre crônicas e poesias, o livro não trata apenas de um lugar, mas, sim, da relação do autor com ele. Como que num intuito de eternizar o Quartier Saint-Germain-des-Près, tal qual conheceu, Eros sabe que ele poderá mudar, mas não deseja que seja estranho ao seu quartier, deseja apenas que tenha sido parte da eternidade de Saint-Germain-des-Près.

Considera-se que Eros Graus atingiu o ápice das profissões de advogado e de professor. Mas ele afirma aos jovens, que hoje estudam Direito, que ter chegado a isso não é apenas uma conquista sua. Quando menino, chegando do colégio com boas notas, seu pai simplesmente dizia: “não fez mais do que a obrigação”. Aos jovens que hoje estudam Direito, “eu pediria apenas que não se deixem seduzir por teorias que propõem a substituição da garantia e certeza da lei pelos valores dos juízes. A legalidade é o último instrumento de defesa dos humildes”.

Como autor consagrado de livros de Direito e do romance Triângulo no Ponto, Eros Grau não é novato nas letras, mas sua expectativa para o novo livro é de que este seja considerado interessante. Poderia ser outra?